


Fátima Correia: educadora aposentada e cordelista

Célia Camelo de Sousaⁱ 

Universidade Estadual do Piauí, Floriano, PI, Brasil

Deiziane Lima Cavalcanteⁱⁱ 

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

1

Resumo

A presente pesquisa tem o objetivo relatar a história de Maria Correia de Almeida, mais conhecida como Fátima Correia, uma professora aposentada e cordelista, nascida no município de Caririaçu (CE), cidade localizada na região Sul do Ceará, região do Cariri. A biografada boa parte de sua vida morou no Crato, mais especificamente, no distrito de Dom Quintino. Por muitos é conhecida como Fátima de Dom Quintino. A educadora aposentada lecionou 31 anos de sua vida. Indagamos: Como Fátima se tornou professora? E qual sua contribuição para o desenvolvimento educacional na região? A pesquisa é de cunho oral e bibliográfico, em que utilizamos Machado, Nunes e Bezerra (2009); Xavier (2014); Fialho (2017), e ainda, pesquisa de campo. Podemos constatar que a educadora e cordelista deixa uma contribuição importantíssima para o local de sua residência, pois exerceu também a função de coordenadora e hoje como cordelista propaga em seus versos o que aprendeu.

Palavras-chave: Educadora. Cordelista. Fátima Correia.

Fatima Correia: Retired, educator and cordelist

Abstract

This research aims to report the story of Maria Correia de Almeida, better known as Fátima Correia, a retired teacher and cordelista, born in the municipality of Caririaçu (CE), a city located in the South of Ceará, in the Cariri region. The biographed good part of his life lived in Crato, more specifically, in the district of Dom Quintino. It is known by many as Fátima Dom Quintino. The retired educator taught 31 years of her life. We asked: How did Fátima become a teacher? And what is your contribution to educational development in the region? The research is of an oral and bibliographic nature, in wich we use Machado, Nunes and Bezerra (2009); Xvier (2014); Fialho (2017), as well as field research. We can see that the educator and cordelist leaves a very important contribution to the place of her residence, since she also exercised the role of coordinator and today as a cordelist she propagates in her verses what she learned.

Keywords: Educator. *Cordelista*. Fatima Correia.

1 Introdução

1.1 Maria Correia de Almeida: sua vida familiar e escolar



Fotografia: A esquerda Fatima Correia e a direita pesquisadora.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora em maio de 2018.

Nascida em Caririaçu, Ceará, em 24 de novembro de 1953, Maria Correia de Almeida, mais conhecida como Fátima de Dom Quintino ou Fátima Correia, filha de Afonso de Sousa Costa e Miriam Correia de Sousa, ambos agricultores, tendo cinco irmãos. Recebeu o apelido de Fátima, devido seu avô materno ter pedido para colocar esse nome, mas como o pedido veio depois de seu batizado, passou a ser chamada depois por Fátima. Vale ressaltar que ela nasceu em uma década de luta contra o analfabetismo, pois os números eram bastante elevados, em que Xavier (2014, p.175) destaca “o educador pernambucano Paulo Freire estava engajado também na luta contra o analfabetismo”. É separada e mãe de quatro filhos: Aneline, Eveline, Paulo Sergio e Nilton Cesar, os dois últimos em memória. O nome de sua filha primogênita Eveline, que rima com Aneline, foi escolha do pai; O nome Paulo Sergio, o marido pediu para colocar Sergio, devido o sobrinho dele que gostava muito; o outro Nilton Cesar para rima com nome do filho. Sua

maior tristeza se concretizou com a perda dos seus dois filhos, que se foram jovens, com apenas 21 anos, ela lembra com muito carinho quando estavam com ela, hoje a forte saudade e os momentos de alegria que deixaram estão presentes em sua memória.

Quanto sua infância os três primeiros anos da sua vida, foram marcados pela desnutrição, os avôs maternos, tomando conhecimento da situação, a levaram para viver com eles, tornando-se uma criança saudável. Pois naquela época como sabemos a desnutrição era muito comum na sociedade brasileira, em especial no Nordeste, pois havia muita desinformação e o poder público não atendia a população de forma adequada, levando a saúde pública problemas graves. Neste contexto é evidenciado segundo Monteiro (2009).

A desnutrição é uma doença que decorre do aporte alimentar insuficiente em energia e nutrientes ou, ainda com alguma frequência, do inadequado aproveitamento biológico dos alimentos ingeridos geralmente motivado pela presença de doenças, em particular doenças infecciosas [...] A distribuição regional da desnutrição descrita para a pobreza, reproduzindo, ainda com maior intensidade, as desvantagens das regiões Norte e Nordeste e, de um modo geral, das populações rurais do país. Crianças com baixa estatura se mostram duas a três vezes mais frequentes no Norte (16,2%) e Nordeste (17,9%) do que as regiões do Centro Sul (5,6%), sendo que, internamente, às regiões, tanto no Nordeste como no Centro-Sul, o problema se apresenta duas vezes mais frequente no meio rural do que no meio urbano. O risco da desnutrição chega a ser quase seis vezes maior no Nordeste rural, onde uma em cada três crianças apresenta baixa estatura, do que no Centro-Sul urbano, onde apenas uma em cada vinte crianças encontra-se na mesma situação.

Desta forma, percebemos o quanto nossa biografada sofreu com essa doença. Passou por muitas dificuldades, pois além da situação nutricional a estrutura familiar na qual foi inserida, contava com um avô rígido, faltando-lhe, segundo ela, carinho, liberdade de expressão, lhe exigindo um comportamento adulto. Comum por parte de muitas pessoas da época, que viam a criança como adulto em miniatura, expressando atitudes impropriadas para sua formação.

Aos sete anos ingressou na vida escolar, onde Fátima (2019) comenta,

Naquela época não existia pré-escola, e fui diretamente para a carta de ABC, a famosa carta de ABC, o meu primeiro dia aula, foi interminável e muito difícil, mas aos poucos e com paciência fui me adaptando a nova realidade. A professora era



um pouco rígida, era dona Meire, era uma escolinha municipal, que ficava vizinho onde hoje é o santuário eucarístico, por ela ser colega de profissão de minha avó, que também foi professora, ela não quis usar palmatória comigo, mas não fiquei livre em outras ocasiões eu contei com a palmatória na mão. Mas aí o primário e o ginásio foram realizados em escolas municipais, grupo Dom Quintino, Francisco José de Brito. A metodologia de ensino daquela época era baseada na pedagogia tradicional, onde o professor centrava toda atenção e o aluno era um mero espectador, que dizia amém a tudo que o professor falasse sem ter direito de opinar e questionar e a gente ia levando, era a época. Apesar do autoritarismo e a distância existente, entre o conteúdo e o cotidiano, aprendi através da memorização. A avaliação era usada individual e cruel, a resposta teria que ser idêntica ao do professor, caso contrário a reprovação seria fatal. Fui levando, remando contra mare, odiei decoreba, apanhei muito de palmatória nas sabatinas, dia de sábado. Eu não sei se agradeço a exigência imposta do decoreba. O importante mesmo que aprendi a ler e escrever corretamente e naquela época quando terminava a quarta série, primária, sem dificuldade ortográfica, naquela época a gente tinha que ser admitida ao um exame admissão.

Percebemos como a educação formal naquela época era diferente, não era permitido ao aluno opinar e passava por uma violência física, com o uso da palmatória. Segundo Aragão,

O uso da palmatória é uma prática proibida no Brasil. Contudo, até o século XIX, estas eram utilizadas de forma natural para educar crianças, a exemplo daquelas adotadas pelas congregações Lassalistas no século XVII (...) Seu uso era legítimo não apenas no universo escolar, mas em todo o processo que envolvia relações humanas, sejam elas entre senhor e escravo, marido e esposa ou pais e filhos, entre outros exemplos (ARAGÃO, 2012, p. 3 – 4).

Essa foi mais uma das situações que Fátima vivenciou. Ela conseguiu ser aprovada no exame de admissão¹ e estudou no colégio Wilson Gonçalves. No colégio municipal Pedro Felício Cavalcanti cursou o segundo e terceiro pedagógico, essa formação lhe permitiu exercer o magistério, concluindo em 1977. Ela gostou da professora que lecionava e não teve dúvida que queria ser educadora. “A docência é umas das maneiras para uma sociedade mais justa, procurei novos conhecimentos para uma boa

¹ Segundo Gama e Almeida: Aos exames de admissão ao ginásio durante quarenta anos, durante esse período os alunos do Ensino Primário que desejavam ir para o Ensino Ginásio tinham que se submeter as provas escritas e orais em quatro áreas de conhecimento: Ademais teriam que estar na faixa etária de 11 a 13 anos, com certidão de nascimento, filiação, naturalidade e cartão de vacina contra a varíola. Os alunos só teriam acesso em uma instituição de ensino secundário com a aprovação nos testes de admissão. Aqueles que não obtinham acesso poderiam refazer o exame no ano seguinte desde que tivesse idade suficiente.



formação” (FATIMA, 2009). Depois da morte dos seus avós, voltou a residir com sua mãe em Dom Quintino, iniciando lá sua vida docente.

1.2 Fátima Correia: a educadora

5

Em fevereiro de 1978, iniciou sua vida profissional, como não havia concurso público, foi convidada para fazer parte do corpo docente da Escola de 1º Rural de Dom Quintino, que em 1996 passou a denominar-se EEIEF Raimundo Nonato de Souza, onde trabalhou 31 anos da sua vida, durante o tempo de trabalho se afastou três anos por motivos pessoais.

Fatima lembra e disse:

Fui lotada em uma classe numerosa, com alunos explosivos, foi difícil contornar aquela situação. Deus me iluminou, acreditei na minha segurança profissional, tive oportunidade de ensinar o pré-escolar e quarta série, essa fase deve ser ministrada por um profissional capacitado.

Percebemos que as séries iniciais da vida acadêmica de uma criança, são muito importantes e difíceis para o docente, como bem afirmou Fátima em seu relato. Apesar de outros momentos difíceis, ganhou confiança dos alunos e dos pais, todos admiravam seu controle de classe, fazendo um contrato dos direitos e deveres dos alunos, trabalhava naquela pedagogia tradicional, não com rigidez porque não conseguia.

Usava a cartilha, com as transformações ocorridas na educação, nos meados nos anos 1980, conheceu a pedagogia construtivista, baseada na teoria de Piaget, biólogo, suíço. Teve a experiência em lecionar em classe de aceleração, que não gostava e mencionou:

Apresentava quadro de alunos atrasadíssimos, temembroso, alunos multirepetentes, fora da faixa etária, e que não estavam a fim de adquirir saberes não, e o pior, este alunos teriam ser encaminhados a quinta série, a meu ver, minha maneira de pensar, era a nova nomenclatura um certo tempo a gente chamava classes multisseriadas, naquele momento pensei ter dado tudo de mim, como o desespero falou mais alto, renunciei a aceleração, não tive coragem suficiente para esse desafio, foi nesse interino que houve a implantação do ciclo em minha escola. Passando martírio para glória, librei totalmente da situação angustiante, que tanto mexia com meus brilhos a organização trouxe uma nova cara a escola, dinâmico



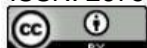
e aberto ao novo, de acordo a retirada do fascículo, isso implica a mudança da rotina atual da escola pública. Que Passara da aprendizagem mecânica para inteligência, desenvolvendo um projeto pedagógico comprometido com transformação da sociedade e com a participação da escola nesse processo. O ciclo foi uma luz no fim do túnel, mas não era tudo e deixava a desejar.

Em 1998 prestou exame vestibular na Universidade Regional do Cariri (URCA), em que obteve o quinto lugar classificável, porém seu marido não permitiu e desistiu de estudar, naquele momento. Segundo Machado, Nunes e Menezes (2009, p. 19 -20)

Quando houve uma ascensão das mulheres foi acompanhada de uma evolução masculina. Esses avanços não se deram de forma tão amistosa e nem facilitada, mas sim num contexto marcado por tensões e utilização de estratégias, por parte da sociedade em geral, para afastar a mulher do mercado de trabalho.

Depois prestou vestibular novamente, ingressando na licenciatura Letras/Português, em fevereiro de 2000. Teve dificuldades econômicas para a realização do curso e do próprio companheiro, que era insatisfeito com sua ida a universidade. Porém, não desistiu e com muita persistência conseguiu terminar. O curso estimulou sua criticidade, sua postura mudou e a relação professor aluno, passou ser: dinâmica, participativa e proveitosa, a sua sala de aula. Enfatiza: “Essa mudança me senti gratificada a deus, por toda essa mudança em melhorar a qualidade do ensino, tranquilamente eu sabia detectar o nível emocionou daquele aluno problema, respeitando o conhecimento de mundo, que trazia em sua bagagem mostrava que aprendizagem existia não para um, mas para todos [...]”.

Conta ainda que alcançou resultados valiosos, e o convívio era eterna experiência, os alunos aprendiam, acabou a insegurança, via no mestre um educador preocupado. Tornava-se, uma cidadã crítica e consciente, como educadora expressava todo seu carinho, seus filhos até sentiam ciúmes da dedicação da mãe. Depois conseguiu diploma, trabalhou do 5º ao 9º ano, destacando-se a boa experiência.





Além da profissão do magistério, trabalhou em outros setores da educação²: foi secretaria escolar, enquanto a secretaria titular precisou se ausentar, mencionou “eu fiquei fazendo o trabalho burocrático, a diretora levava para ela assinar, que foi uma experiência que enriqueceu minha bagagem escolar.” Foi escolhida para ser coordenadora pedagógica, que disse: “naquela época, recebia embasamento e ficava administrando com a turma docente, foi um tempo muito bom e prazeroso, só fiz amizade, terminei, feliz”. Sempre se pode observar nas palavras da entrevistada seu grande amor e carinho pelos anos que trabalhou como professora. Em 2009, vem uma nova etapa da sua vida com a chegada da aposentadoria, e ela destaca: “conclui minha missão, de ser educadora de corpo e alma [...] cumpri, tive sucesso, fui amada e gratificante, meus alunos hoje são médicos, fazendários, promotores, psicólogos e fico triste com alguns alunos que estacionaram na vida com bebidas, Deus tome de conta, pois não tenho mais nada o que fazer”.

1.3 Fátima Correia: a cordelista

Fátima, também tem outro dom, o de ser poetisa, mas não se reconhecia com essa profissão. Ela ouvia seu Elói, um radialista, que possuía um programa de rádio, também ouvia Patativa do Assaré, são suas maiores inspirações. Na época não possuía rádio em sua casa, parava na casa do vizinho para escutar. Afirmou assim:

Na minha sala de aula, eu me lembro do professo Felix, ele trabalhou, passou missão para eu fazer uma poesia, eu construí minha primeira poesia sobre amor. Falou naquela época só das rimas, tanto na escola, como universidade as pessoas sempre indicava em forma de poesia.

Sua entrada na Academia dos Cordelistas do Crato (ACC) se deu com a participação dela no programa de rádio Festa no sertão, do Seu Zezé, que acontece

² Para saber mais sobre formação de professores, ler THEMELIS, 2017; ARAÚJO; ESTEVES, 2017; MORORÓ, 2017; BARBOSA; CASSIANI, 2017; PENA, 2017; GONÇALVES; NOGUEIRA, 2017; CORRÊA; BARRETO, 2017; SILVA; AGUIAR, 2017; SENA; KULESZA, 2017; ZUIN; DIAS, 2017; PINHEIRO; SANTOS; PENELUC, 2017; XEREZ; COSTA; SANTOS, 2017.





diariamente na emissora de Rádio Educadora do Cariri FM. As pessoas passaram a lhe conhecer por sua participação e pela qualidade de suas poesias. Afirmou que a primeira poesia lida foi sobre seus filhos, que diz seguinte:

Saudade materna,
Aos vinte e um anos
Perdi dois filhos amados,
Sergio morreu no açude e
Nilton Cesar acidentado,
Eles partiram para sempre,
Em busca da eternidade,
Coração materno,
Trilhado de saudade.

Conheceu primeiro a poetisa Josenir Lacerda, que mencionou: “amei o encontro com ela, como a família, são pessoas iluminadas, família muito bonita”. Foi conhecendo os demais membros da ACC. Em 2013, fez uma poesia para ingressar, mas infelizmente não atendeu os requisitos. Depois recebeu um novo convite e conseguiu ser aprovada, tornando em 2015 a mais nova integrante do grupo. Ela afirma que:

[...] aumentou meus ciclos de amizade, meu ...e a morada da poesia, que faltava p minha vida, ainda sou atriz, participo de grupo culturais, sou feliz hoje, aos 65 anos, superei as dores da minha trajetória, tenho a certeza se não fosse a presença divina da minha vida, já sou conhecida mundialmente, inclusive na Inglaterra tem trabalho nosso, um garoto de Dom Quintino fundou um museu, meu nome foi expandindo através desse trabalho, sou professora e poetisa, agradecendo a deus por todos os momentos divinos.

A poetisa hoje se sente realizada e feliz pelo trabalho que desenvolve junto a ACC e por poder desenvolver práticas educativas³ no campo da arte de maneira não formal. Possui vinte e um cordéis⁴. Ela recebeu diversos títulos, dentre eles o de cidadã cratense

³ Para saber mais sobre práticas educativas consultar: NERYS, et al., 2019; ARAÚJO; SOARES, 2019; SILVA et al., 2019; COSTA; SILVA; SOUZA, 2019; FERREIRA NETO; SILVA, 2019; MACIEL et al., 2019; SOUSA; FERNANDES, 2019; SANTOS; GIASSON, 2019; CAXILE, 2019; CARVALHO, 2019.

⁴ Dom Quintino retratado em versos; Hospital do senhor; Tributo a Vandinho Pereira; Maria do sertão; Garoto cria em Dom Quintino museu para Luiz Gonzaga; Homenagem á Academia dos Cordelistas do Crato, nos seus 25 anos; Sonho realizado; Café com verso na casa de vó; Crato, cidade amada; Os amigos do rádio; Mostra cultural de Dom Quintino; Academia dos Cordelistas do Crato 25 ano; 16 anos missão resgate; O que é o amor; Chagas Batista o poeta erudito; O retrato do Brasil; Luiz Gonzaga, a voz que não se cala! O poeta olhando o mar faz versos com maestria; Dom Vicente de Paulo Araújo Matos; Se tem mulher no cordel você tem que respeitar.





no ano de 2017. Foi convidada para ministrar uma oficina de cordel em uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado). Eram alunos com limitações e pensava que era impossível, houve uma culminância e foi um sucesso. Outra escola convidou para uma nova oficina com alunos do 3º, 4º e 5º ano e muitos interativos. A culminância resultou em um cordel da história da batateira, bairro do Crato.

9

A pesquisa é de cunho oral, bibliográfica e de campo, em que estivemos na residência da biografada, como também, ouvi outras conversas, que tornou possível a pesquisa. Neste sentido, a pesquisa de cunho oral segundo Costa e Fialho (2017, p.2) “resgatar memórias e registrar oralidades femininas importa para a história, pois as mulheres são capazes de elucidar, com maior minúcia, as singularidades experimentadas”. Neste sentido, trazer as lembranças vividas por Fátima, através da história oral, que bem Bosi (1987, p.55) destaca: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” e foi isso que fizemos ao relatar a história dessa guerreira.

2 Considerações Finais

A biografada apesar de ter passado por muitas dificuldades, soube aproveitar sua vida, em especial na busca por conhecimento. Teve momentos que achava que não possuía capacidade, mas com brava coragem, conseguia subir mais um degrau da sua história. Fátima Correia mais conhecida como Fátima de Dom Quintino que orgulhosamente propaga seu lugar onde passa.

Sua humildade, carisma e carinho, fazem brotar dessa mulher mais uma educadora, como tantas em conseguir passar por vários momentos e construir uma história de vida, mas também fazer parte da história da educação do Ceará. Hoje ela além de ser aposentada, continua sendo educadora, atriz e propaga através do cordel outros saberes, contribuindo com a cultura popular. Parabéns Fátima!

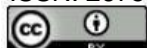
Referências bibliográficas

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 3, e233706, 2020

DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i3.3706>

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>

ISSN: 2675-519X



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.



ALMEIDA, Maria de Fátima Correia. **Saudade Materna (cordel)**. Crato, 2013.

ARAGÃO, Milena. **Práticas de castigos escolares: a palmatória como símbolo em salas de aula sergipanas**. Disponível: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07>, acesso em: 23/6/2019

10

ARAÚJO, A.; SOARES, E. L. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ARAÚJO, R. M.; ESTEVES, M. M. A formação docente, inicial e contínua, para o trabalho com adultos em Portugal: o olhar dos professores. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 18-35, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/121> Acesso em: 02 jan. 2017.

BARBOSA, A.; CASSIANI, S. Circulação de sentidos da prática como componente curricular na licenciatura em ciências biológicas. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 52-71, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/123> Acesso em: 02 jan. 2017.

BOSI, Ecléa. **Memórias e Sociedade: lembrança de velhos**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

CARVALHO, S. O. Formação Docente e Práxis Pedagógica narrativa de uma professora. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3602>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. **Preservação da memória de educadoras cearenses: história oral e magistério**. Disponível: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1493417953_ARQUIVO_A_RTIGOCOMPLETO.pdf, acesso 24/6/2019.

CAXILE, C. R. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CORRÊA, P. S.; BARRETO, B. Exigências para o exercício do ofício de mestre nos grupos escolares no Brasil no contexto da ditadura militar. **Educação & Formação**,





Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 104-123, 2017. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/126> Acesso em: 02 jan. 2017.

COSTA, M. A.; SILVA, F. M.; SOUZA, D. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476>. Acesso em: 02 jan. 2019.

11

FERREIRA NETO, J.; DA SILVA, R. Mestre Chitãozinho e a formação dos capoeiristas no Projeto ABC do João XXIII. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3518>. Acesso em: 02 jan. 2019.

GAMA, Marta Maria; ALMEIDA, Laura Isabel Marques V. de; **Os exames de admissão da década de 1931 a 1971**. Disponível: www.ufsc.br. Acesso em: 23/06/2019.

GONÇALVES, Y.; NOGUEIRA, E. G. A educação dos alunos das escolas pantaneiras na perspectiva da educação centrada no aluno. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 87-103, 2017. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/125> Acesso em: 02 jan. 2017.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; MENEZES, Cristiane Souza de. **A mulher e a educação: pelos fios das memórias**. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.). Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

MACIEL, J. A.; MACIEL, J.; MENDES, A.; SILVA, J. Dialogando sobre o tema jogos populares no ensino fundamental 1. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3506>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MONTEIRO, Carlos Augusto. **A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil**. Disponível: www.scielo.br. Acesso em: 23/06/2019.

MORORÓ, L. A influência da formação continuada na prática docente. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 36-51, 2017. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/122> Acesso em: 02 jan. 2017.

NERYS, F.; KOEPP, J.; COSTA, B.; BARON, M. Dificuldades na consulta clínica e nutricional de surdos no Brasil: revisão de literatura. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3605>. Acesso em: 02 jan. 2019.





PENA, A. Formação de professores de educação infantil. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 72-86, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/124> Acesso em: 02 jan. 2017.

PINHEIRO, B. C.; SANTOS, C.; PENELUC, M. A educação ambiental na formação de professores de química da UFBA. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 181-203, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/129> Acesso em: 02 jan. 2017.

SANTOS, F.; GIASSON, F. Docência no Ensino Superior: formação, iniciação e desenvolvimento profissional docente. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3543>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SENA, F.; KULESZA, W. O ensino secundário na imprensa do nordeste (1873-1874): um debate nos jornais do Maranhão e de Pernambuco. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 143-159, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/127> Acesso em: 02 jan. 2017.

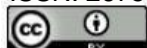
SILVA, J.; LIMA, I.; PARENTES, M. D.; SILVA, L. Trajetórias formativas de licenciandos em matemática: percepções sobre constituir-se professor. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3478>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SILVA, N.; AGUIAR, M. DA C. Representações sociais de professores do ensino superior das ciências exatas e da natureza quanto à definição de docência universitária. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 124-142, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/144> Acesso em: 02 jan. 2017.

SOUSA, F. G.; FERNANDES, F. R. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484>. Acesso em: 02 jan. 2019.

THEMELIS, S. Education and equality: debunking the myth of meritocracy. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 03-17, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/120> Acesso em: 02 jan. 2017.

XAVIER, Antônio Roberto. **Joana Paula de Morais (1900-1963): História, Memória e Trajetórias Educativas**. Fortaleza: Imprece, 2014.





XEREZ, A. S.; COSTA, F. J.; SANTOS, J. D. Educação profissional integrada ao nível médio no Ceará: reformas e contradições. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 204-223, 2017. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/130> Acesso em: 02 jan. 2017.

ZUIN, A. L.; DIAS, J. Formação dos professores que atuam na classe multisseriada na área rural no sul do Amazonas. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4 jan./abr., p. 160-180, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/128> Acesso em: 02 jan. 2017.

ⁱ **Celia Camelo de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0301-2264>

Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Piauí- UFPI.

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, Especialista em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2018). Atualmente é professora da Universidade Federal do Piauí- UFPI.

Contribuição de autoria: desenvolvimento da pesquisa e elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1520876270995232>

E-mail: celitapedagoga@hotmail.com

ⁱⁱ **Deiziane Lima Cavalcante**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8167-6907>

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará, com mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, também pela UFC, atualmente faz doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Contribuição de autoria: revisão do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0574168239549926>

E-mail: deiziane.lima@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Como citar este artigo (ABNT):

SOUSA, Celia Camelo de; CAVALCANTE, Deiziane Lima. Fátima Correia: educadora aposentada e cordelista. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 3, e233706, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3706>

